

O que é tão fabuloso sobre o céu?



Noite escura e de ventania.

Antes de retornar ao abrigo da casa, protegi-me contra o ar frio para escutar o assobio dos pinheiros da casa vizinha e admirar a lua – uma fatia sorridente e delgada no horizonte. Meus olhos perscrutaram a abóbada celeste, repleta de estrelas, a fim de localizar a Ursa Maior. Já a tinha visto recentemente, num livro, mas jamais tivera a oportunidade de vê-la todinha.

Procurei, procurei e, de repente, lá estava ela, o arranjo de estrelas que se espalhava grandioso e glorioso em um pedaço do céu que cobria um quarto da abóbada celeste. Não tinha idéia de que fosse tão *grande*. Nem imaginava que fosse tão bonita.

Estremeci e me senti pequena. Fui envolvida por aquele domo estrelado, que parecia ecoar com uma canção. Poderia jurar que ouvi uma música. Seria a melodia esmaecida de uma canção em meu coração? Quem sabe as estrelas da manhã cantando em coro? Não sei, mas a canção tocou um acorde de meu ser, como um diapasão que ressoasse em minha alma. As estrelas e a música tiraram-me o fôlego. E, antes que o frio me impelisse para dentro de casa, meu coração se alegrou, e eu murmurei em direção ao céu: “Jesus, estou voltando para a minha morada; é a esse mundo que pertencço”. Então, girei a minha cadeira de rodas e entrei na cozinha pela porta da garagem. A luz fluorescente feriu-me os olhos, enquanto fechava a porta. Senti o aroma da refeição que

estava sendo preparada. Dentro de casa estava quente, e a iluminação era suave. A televisão, monótona, não parava de sussurrar na sala, e Ken, meu marido, estava no corredor, ao telefone com um amigo.

Por algum tempo, fiquei sentada na cozinha, deixando que o calor acariciasse a minha face gelada. Lá fora, tivera um momento de grande felicidade e sabedoria, embora soubesse que seria incapaz de reter aquele momento celestial. Poucas pessoas têm a receptividade necessária para ouvir uma música celestial. Coisas corriqueiras — como o tinido das panelas e pratos na cozinha, o toque do telefone e os comerciais de comidas congeladas e detergentes na televisão — afogam essa canção. Ela é muito delicada para competir com as coisas mundanas. A música e o momento esmaecem, e voltamos a ser nós mesmos, deixando a criança para fora e pondo de lado nossa satisfação, como fizemos com a lua, com as estrelas e com o vento. Reservamos os pensamentos celestiais para um outro momento.

No entanto, vivemos com a memória poderosa desses momentos.

Nossas melhores lembranças, quer sejamos adultos quer crianças, são geralmente aquelas que tocam, como um diapasão, os acordes ressoantes de nossa alma. Essa é a canção que jamais esquecemos, e, sempre que captamos seu eco, a reconhecemos imediatamente. Nós a reconhecemos porque é repleta de uma beleza pungente. Essa canção, como um chamado profundo, traz a marca do Senhor. E como temos sua imagem, a memória está guardada na parte mais profunda do nosso ser. Tais momentos lançam sons e perscrutam as profundezas de quem somos. O que escutamos é o eco celestial.

Podemos escutar o eco inesquecível sob o véu da noite, ou em uma sinfonia, um poema, ou captá-lo em uma pintura. Na verdade, são os cantores, escritores e pintores que tentam, com mais freqüência, captar esse eco, essa música celestial, que nos impele a cantar, escrever ou pintar algo verdadeiramente belo.

Sei disso, pois sou uma artista. Tenho de confessar, no entanto, que jamais consegui pintar o céu. As pessoas me perguntaram a

razão, mas não encontrei uma boa resposta, a não ser que o céu desafia a tela em branco do artista. O melhor que posso oferecer são cenas de montanhas de tirar o fôlego ou nuvens que, em parte, refletem, um pouco da majestade do céu. Não me sinto capaz de alcançar esse efeito.

A Terra, tampouco, retrata essa majestade. As montanhas e as nuvens reais são exaltações, mas mesmo as demonstrações mais grandiosas da glória terrestre — as nuvens carregadas que se avolumam acima do tragal ou a vista do Grand Canyon, da borda sul — são apenas esboços do céu. O melhor da Terra é apenas um reflexo esmaecido, uma apresentação preliminar da glória que, um dia, será revelada.

O problema é que raramente permitimos que esse fato nos penetre. Ou seja, até que sejamos detidos por uma dessas noites brilhantes, em que a atmosfera esteja límpida, e o céu escuro, salpicado com milhões de estrelas. É preciso um momento como esse para nos fazer parar, observar nossa respiração, criando pequenas nuvens no ar noturno e pensar: “Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa” (Tg 4.14).

Depois, voltamos para dentro de casa e vamos assistir ao noticiário das seis ou para servir de juiz em uma disputa de nossos filhos. Aquele momento celestial se desvanece, e pensamos: *A vida não é como uma neblina que se dissipa rapidamente.*

Nós realmente não acreditamos que tudo terminará, não é? Se Deus não nos tivesse dito o contrário, pensaríamos que este desfile da vida continuaria para sempre.

Mas ela terminará. Esta vida não é para sempre; tampouco é a melhor vida que existe. O fato é que os crentes *são* direcionados para o céu. Isso é realidade. E o que fazemos aqui na Terra tem relação direta com a forma que viveremos lá. O céu pode estar tão perto quanto o ano ou a semana que vem; portanto, aqui na Terra, faz muito sentido dedicar algum tempo aos pensamentos sinceros sobre o maravilhoso futuro que nos está reservado.

Amo pensar e ler sobre o céu. No entanto, ao folhear as páginas das Escrituras — nosso melhor recurso sobre o céu —, percebi que sua linguagem é enigmática. É preciso decifrar os hieróglifos do céu para que sua mensagem faça sentido.

Além disso, perdi-me no caos cronológico quando meditava sobre como o retorno de Jesus à terra se relaciona ao milênio, ao arrebatamento, ao julgamento, e às tigelas, aos códices e às trombetas do livro de Apocalipse. Como podemos perseguir o céu em meio a tanta confusão ou considerar nosso futuro “maravilhoso” se continuamos hesitantes diante da expressão que representa coroas e tronos?

Essas coisas podem parecer impedimentos, mas, na verdade, são incentivos. Os símbolos que as Escrituras utilizam, palmas, ruas de ouro e mares de vidro, são apenas símbolos. Eles jamais satisfazem nossa curiosidade sobre o céu, nem foram utilizados com essa finalidade. Não passam de imagens da coisa real e funcionam como mapas e placas que nos indicam e nos mostram o caminho de casa.

As próximas páginas falam de mapas e placas que sinalizam o caminho até o firmamento, a verdadeira morada do nosso coração e do nosso espírito. Quero tocar em seu coração, abrir um mapa para mostrar-lhe o caminho do nosso abrigo. Os pensamentos aqui expressos são para aqueles cujo coração se prostra diante da alegria celestial, ou, pelo menos, para os que gostariam que seu coração sucumbisse. Este livro é também para aqueles que não têm a menor idéia do que seja a alegria celestial, mas são perseguidos pela curiosidade.

É verdade, o céu pode desafiar o autor das páginas impressas, mas as palavras, e até mesmo as pinturas, como aquela que fiz para a capa deste livro, podem muitas vezes tocar a corda ressonante, ajudando-nos a ouvir a antiga e celestial canção, que as estrelas da manhã cantam em coro. Em vez de consentir que essa canção se retire com a presença de coisas mundanas, como o chiado das rádios e o barulho da máquina de lavar, espero que essas próximas páginas possam ajudar você a se sintonizar com a melodia celestial.

Essas canções, como aquela colher de sopa surrupiada antes do jantar, servem para que você sinta o sabor do que lhe espera quando chegar à mesa do banquete.

O intuito foi apontar para o céu, a fim de ajudar você a ver algo além, muito além da constelação da Ursa Maior. Isso nos serve para que não nos acomodemos às coisas aqui da Terra nem fiquemos muito satisfeitos com elas. Afinal, as coisas terrenas são apenas o som da afinação da orquestra, que se prepara para uma apresentação. A canção real está prestes a irromper na sinfonia celestial, e o prelúdio está muito próximo.

O primeiro sinal celeste

A primeira vez que escutei a inesquecível canção celestial, tão antiga e tão nova, foi em 1957. Minha família e eu havíamos feito as malas e, com nosso velho carro, seguíamos para o oeste do país pelas estradas do interior do Kansas. Meu pai encostou o carro no acostamento, para que minha irmã pudesse ir ao banheiro. Saltei do sufocante banco traseiro e caminhei ao longo da cerca de arame farpado ao lado da estrada. Essa oportunidade serviu tanto para secar o suor de minhas costas como para explorar as redondezas.

Parei, peguei uma pedra, observei-a e, depois, atirei-a para o lado de lá da cerca, na maior plantação que já tinha visto – tão grande que a perdia de vista. Parecia um mar de trigo, ondas de grãos dourados que se agitavam ao vento, e, com aquele céu azul brilhante ao fundo, tudo era radiante e belo. Continuei parada, observando. Uma brisa suave afagou meus cabelos. Uma borboleta adejava. A não ser pelo zumbido de alguns insetos, tudo estava quieto, incrivelmente quieto.

Ou não estava?

Não me lembro se a canção veio do céu ou do campo de trigo, ou se era apenas o som dos grilos. Tentei ouvir atentamente, mas em vez de realmente escutar as notas, eu senti... o espaço. Um espaço amplo encheu meu coração, como se todo o campo de trigo coubesse na alma de uma criança de sete anos. Olhei

para cima e vi um falcão fazendo círculos no ar. O pássaro, o céu, o sol e o campo de trigo elevaram-me, como se fossem uma orquestração celestial, e, com sinceridade e clareza, iluminaram meu coração como uma canção folclórica tocada em tom maior, puro e sincero. Jamais sentira — ou seria melhor dizer: escutara? — tal coisa. No entanto, assim que tentei captar o eco inesquecível, ele desapareceu.

Tinha apenas sete anos, mas ali, de pé, ao lado da cerca de um campo de trigo do Kansas, sabia que meu coração fora quebrantado por Deus. Na verdade, eu ainda não o conhecia naquela época, mas também não era tão jovem a ponto de não poder sentir os toques ocasionais do Espírito Santo. Continuei com os olhos fixos na paisagem, cantarolando uma antiga cantiga, uma de minhas favoritas da escola dominical: “Este mundo não é minha morada, estou apenas de passagem”. Para mim, aquele momento foi celestial.

Papai tocou a buzina, e voltei correndo para o carro. Minha família saiu dali agora com uma garotinha levemente transformada no banco traseiro.

Posso contar nos dedos as vezes que tive experiências semelhantes, em que meu coração parecia bater à frente de meu corpo, no compasso do Espírito. Um desses momentos foi alguns anos depois de 1967, ano em que sofri um acidente de mergulho que me deixou parálitica. Estava apenas começando a ter experiências espirituais com Jesus e, ao ser duramente encostada contra a parede, tive de considerar seriamente seu senhorio em minha vida. Aqueles foram os momentos em que passei longas noites com meu amigo Steve Estes, que, ao lado da lareira e com a Bíblia aberta, meditava sobre a Palavra.

Ele me guiava através da Palavra de Deus, a fim de me ajudar a compreender o céu. Todos nós temos curiosidade para saber onde ele se localiza, com que se parece, quem está lá e o que as pessoas que lá estão usam e fazem. Eu não sou exceção.

Fiquei fascinada ao descobrir que um dia não mais estaria parálitica, pois teria um corpo novo e glorificado. Comecei,

imediatamente, a imaginar todas as coisas maravilhosas que faria com minhas mãos e pernas após a ressurreição. Nadar alguns metros. Descascar algumas laranjas. Correr pelos campos e mergulhar nas ondas. Escalar algumas montanhas e correr pelas campinas. Esses pensamentos, apesar de estar em minha cadeira de rodas e ser incapaz de me mover, arrebatam-me e comecei a sentir saudades, pois o eco da canção celestial reverberou e fez ampliar o poder da alegria em meu coração.

Ao perceber o quanto eu estava maravilhada com tudo, Steve mostrou-me uma passagem em Apocalipse 21. Mal podia esperar para ler tudo sobre esse futuro que Deus nos reserva. Iniciei com o primeiro versículo: “Então vi novos céus e nova terra...”.

“Tudo bem! Aceito essa idéia. Este velho planeta realmente precisa de uma boa reforma.”

“...pois o primeiro céu e a primeira Terra tinham passado...”

“Como? Você quer dizer que tudo nesta terra desaparecerá e deixará de existir? Mas há tantas coisas das quais gosto. Cachorro-quente com queijo. As finais do campeonato de basquete. As belas cachoeiras...”

“...e o mar já não existia.”

“O quê? Sem mar? Mais eu amo o oceano. As ondas. O vento. O cheiro de maresia no ar. E quanto ao borrficar da arrebentação das ondas? E cavar a areia com os pés? Para mim, o céu *deve ter* oceanos.”

“Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido.”

“Sem mares? Sem dunas de areia? Sem recifes de coral? Sem campos de trigo nem sequóias? Basta! Odeio cidades, mesmo que sejam santas. Quem apreciaria os projetos de prédios de dezesseis andares no centro do céu? Algumas pessoas podem até gostar de um planejamento urbano perfeito, mas não eu, meu caro amigo!”

Meu amigo percebeu meu desapontamento e fechou a Bíblia. Ele sabia que as maravilhas do céu, que brotaram espontaneamente

em meu coração, também desapareceram com a mesma rapidez. Isso não foi *nada* parecido com a sensação que tive quando era criança, quando observei aquele campo de trigo no Kansas. Alguma coisa estava muito errada comigo ou com as descrições da glória celeste encontradas na Bíblia.

Isso lhe parece familiar?

Seja honesto. Seja como qualquer cristão honesto e ousado, cujo pés estão firmemente plantados na terra. Não houve momentos em que as descrições pictóricas do céu, conforme encontramos na Bíblia, pareceram sem graça e enfadonhas se comparadas com a visão de tirar o fôlego e o rugido ensurdecedor das cataratas do Niágara? Ou com o esquadrinhar as planícies serenas do Colorado do alto das montanhas? Ou com o roçar das ondas de grão dourado que se estendem por quilômetros e quilômetros? Você sente que, algumas vezes, as notas musicais da criação de Deus chegam quase a eclipsar as notas de rodapé de Ezequiel, nas quais ele descreve as coisas do céu como rodas que estão em intersecção com outras rodas e que se movem em quatro direções distintas? “Seus aros eram altos e impressionantes e estavam cheios de olhos ao redor” (Ez 1.18). *O queeeé?*

Ler sobre o céu na Bíblia pode, às vezes, parecer uma cópia mal-feita de um folder de turismo de alto padrão:

Um grande conjunto de portões cravejados de pérolas lhe dará as boas-vindas no céu, mas tome cuidado para não escorregar nas ruas pavimentadas com ouro. Não se preocupe em buscar um lugar em que possa experimentar as delícias da cozinha local, pois não há necessidade de comer enquanto estiver no céu. Você também não precisará procurar acomodação, pois camas confortáveis, lençóis limpos e claros e travesseiros macios não são necessários.

O ápice dos cenários turísticos é o mar de vidro. Entretanto, as condições locais impedem o pôr-do-sol, o alvorecer ou as luas cheias. Não deixe de visitar a fantástica Nova Jerusalém, uma surpreendente cidade do futuro com planejamento arquitetônico grandemente premiado. Deleite-se com os doze

fundamentos. Maravilhe-se diante das doze portas, cada uma delas feita com uma pérola única e gigante. A Nova Jerusalém, um espetáculo totalmente à parte, ofusca até mesmo a cidade de esmeraldas, a tão famosa Cidade de Oz.

Comentei com Steve: “Isso é desconcertante. Realmente, não entendo”.

Ele, com o intuito de me encorajar, passou para as palavras de Jesus em João 14.1-4: “Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou”.

Meu amigo tentou instigar minha imaginação, explicando-me que se Jesus, no momento, está preparando o céu, este deve ser fantástico. Ele apenas precisou de sete dias para criar a Terra, mas — veja que fantástico! — já está trabalhando há quase dois mil anos em meu aposento em sua casa.

Uma manobra esperta, mas que bombardeou meu ânimo. Lembrei-me das vezes que, em menos de uma semana, fiquei entediada nos quartos dos hotéis mais belos que já conheci. Ele tentou de novo, explicando que, de qualquer forma, esse assunto de casas e aposentos provavelmente fosse uma alegoria. Olhei perplexa para o meu amigo, me perguntando como essa idéia melhorava a anterior.

Com certeza, você pode entender a razão pela qual, pelo menos no início, eu preferia pensar no céu da beira de um penhasco com vista para um oceano revoltado, em vez de imaginá-lo de acordo com Apocalipse 21.

Por que os símbolos celestiais parecem tão negativos?

Não estou brincando, mas, como você, fico perplexa em saber que o céu é habitualmente descrito em termos de “sem isso” e “sem aquilo”. Sem mar. Sem noite. Sem tempo. Sem lua ou sol.

E quanto à comida, ao casamento, ao sexo, à arte e aos grandes livros?! Será que Ezequiel e o autor de Apocalipse pressupõem que todos os outros benefícios do céu são mais importantes do que o “sem isso” e o “sem aquilo”? Há décadas sentada em uma cadeira de rodas, tenho um sem-número de memórias gloriosas da existência, tudo, desde sentir meus dedos sobre o teclado branco e frio de um piano até a euforia de mergulhar na arrebatada maré alta. Essas memórias inundam todas as fibras do meu ser, e, portanto, de minha imaginação. É triste pensar que o melhor dessas memórias não tem lugar no céu. Você poderia dizer a mesma coisa.

Steve desafiou-me: “Entretanto, conforme está escrito: ‘Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam...’. Logo, sua imaginação não pode nem mesmo começar a visualizar tudo que Deus está preparando para nós”.

Não conseguia compreender porque a maior parte da felicidade celeste deveria ser descrita com negações. Por que Deus parecia falar sobre o céu em termos do que ele *não* seria, em vez do que ele seria?

Isso não era tudo. Também ficava perplexa ao perceber que as descrições positivas do que o céu *é* pareciam desajeitadas e sem graça. Arco-íris e tronos? Ruas de ouro? Portas de pérola? Uma cidade brilhante com dois mil e duzentos quilômetros de comprimento e de largura e de altura, cujos muros têm sessenta e cinco metros de espessura e são feitos de jaspe? Isso se parecia mais com um shopping center. Fiquei confusa ao admitir isso, mais até mesmo as descrições sobre a paz duradoura e a felicidade eterna pareciam maçantes.

Meu amigo suspirou e, mais uma vez, tentou explicar-me. “Joni, você conhece a Bíblia bem o suficiente para saber que ela não a enganará. Assim, em vez de nos desanimar, essas descrições não deveriam acender nosso coração? Você não fica um pouco aliviada ao saber que o céu não está reduzido a termos com os quais podemos lidar?”